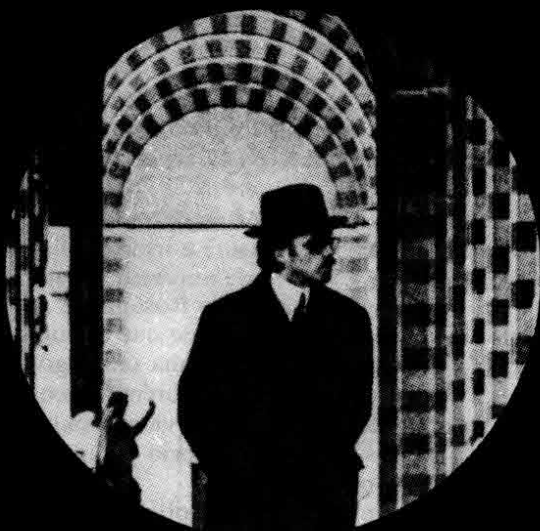


Anatol Rosenfeld, como muitos intelectuais vigorosos, sentiu forte atração pelo pensamento de Thomas Mann, com o qual se identificava por mais de um motivo. Mann, se sabe, teve sua talvez melhor obra – a opinião é de Otto Maria Carpeaux –, "A Morte em Veneza", adaptada para o cinema (fotos ao lado) pelo cineasta italiano Luchino Visconti, que transpôs com maestria a queda interior de Aschenbach



# Anatol Rosenfeld e o irracionalismo

JACÓ GUINSBURG



JACÓ GUINSBURG é professor de Teoria de Teatro da ECA-USP, editor da Perspectiva e autor, entre outros, de *Stanislávski e o Teatro de Arte de Moscou* (Editora Perspectiva) e *Leone de' Sommi: um Judeu no Teatro da Renascença Italiana* (Editora Perspectiva).

**A** questão do irracionalismo e do racionalismo preocupou muito Anatol Rosenfeld sob múltiplos aspectos. Na verdade, ela não lhe poderia escapar, em primeiro lugar, devido à sua formação intelectual, fortemente calcada na filosofia. No seu caso particular, o problema e o confronto nele implicado se lhe apresentaram de maneira tanto mais aguda quanto no curso da vida teve de enfrentá-los, não apenas no plano teórico. Nem por isso é permitido dizer que ele os haja encarado numa linha uniforme ou demasiado rígida. Os parâmetros pelos quais o pensamento de Anatol se construiu foram, grosso modo, os da tradição filosófica alemã que ele fazia convergir para dois focos principais: Kant e Hartmann. Conhecia muito bem os românticos, sobretudo Hegel e Schopenhauer. Marx tampouco lhe era alheio. Criticava o seu materialismo dialético, que considerava metafísico, mas fazia bom uso do materialismo histórico, em algumas de suas principais categorias e processos. Sob o mesmo ângulo, e talvez numa proximidade maior, era um leitor de Lukács, em relação a quem, no entanto, tinha muitas reservas, principalmente no que tange às conceituações estéticas e políticas, no período ulterior aos anos 30. Não aceitava, por exemplo, as suas formulações sobre a dialética do romance e da novela, como expressões de plenitude e transição históricas. Walter Benjamin e a Escola de Frankfurt também faziam parte do seu horizonte, embora não fosse particularmente simpático às posições de Horkheimer e Adorno.

De outra parte, sem ser um seguidor incondicional de Husserl, tinha na fenomenologia um de seus instrumentos de trabalho, abeberando-se sobretudo nas análises estético-literárias de Ingarden e, creio eu, nas colocações éticas de Scheler. Mas o existencialismo de Heidegger lhe era avesso, embora reconhecesse nele peso filosófico. Considerava a sua proposta, cujos meandros especulativos conhecia muito bem, como *Holzwege (Caminhos sem Saída)* e, com este título de um dos livros do filósofo, caracterizava o pensamento do autor, após o *Ser e Tempo*. Do mesmo modo, recusava-se aos vivenciamentos espirituais e religiosos de Jaspers e Buber. Sartre e a corrente existencialista do pós-guerra não lhe foram indiferentes, mas endereçava-lhes uma crítica decorrente de um certo vício metafísico de origem. Como em Kierkegaard e no próprio Heidegger, detectava neles, na relação do eu-consciência com o mundo, um ponto cego, intransponível, que os fazia girar em círculo, na própria subjetividade.

Tais colocações, digamos antiirracionalistas, faziam-se sentir também na sua visão, não apenas de Jung, cujos arquétipos lhe causavam repulsa, mas também de Freud, cujos “saberes” sem fundamento epistemológico o deixavam cético. Não duvidava de que poderia haver em ambos, mas sobretudo no pai da psicanálise, nas suas pesquisas sobre a natureza do sonho e do chiste, contribuições relevantes e elementos de eficácia terapêutica. Dizia, porém, apoiado em uma estatística suíça, levantada nos anos 50, “que todas as terapias psicológicas tinham iguais probabilidades de cura”.

**N**ão pretendo inventariar todas as fontes do repertório filosófico de Anatol, em que caberia incluir Dilthey, Weber, Nietzsche e, creio, Simmel. A tarefa fica para uma pesquisa e uma análise, em profundidade, que já se tornam necessárias para delimitar a personalidade de Rosenfeld e marcar sua ação em nosso meio intelectual. Limitar-me-ei, atendendo ao pedido da *Revista USP*, a dar um depoimento ao sabor de minha memória. Entretanto, devo acrescentar ao rol dos interesses filosóficos de Anatol o neo-kantianismo de Cassirer e as idéias de Susanne K. Langer, cujos escritos o atraíam, particularmente pela penetração que lhe ofereciam no campo antropológico, lingüístico e estético. Assim, por exemplo, a autora de *Filosofia em Nova Chave* teve em Anatol um de seus principais divulgadores, pelo menos nos vários círculos que frequentava. De minha parte, tenho certeza que a primeira vez que ouvi falar, com maior extensão, destes pensadores foi em aulas dadas por ele.

A esta altura, em face do problema que está sendo abordado aqui, poder-se-ia perguntar: Afinal qual era a posição de Anatol no debate entre racionalismo e irracionalismo? Não foi sem certa intenção que aponte algumas referências de seu universo filosófico. Não creio que qualquer delas defina estritamente o pensamento de Rosenfeld. A bem dizer, utilizava tudo com um enfoque próprio. Minha opinião seria a de que era um pensador, por excelência, infenso a toda posição dogmática, mas que tenha emprego, em uma certa organização muito pessoal, não de um discurso doutrinário, porém lógico-crítico e inclusivo, para todos os componentes desse repertório. Aí, sem dúvida, a palavra era mantida em sua plena capacidade signficativa, de expressão de seu próprio código, e cognitiva, isto é, de expressão de verdades sobre o outro e o mundo.

Haveria nisso um certo ecletismo? Sim, se se levar em conta a multiplicidade dos elementos de sua dialética ensaística; e não, se se tiver em vista os dois núcleos gravitacionais de seu pensamento: Kant e N. Hartmann. O criticismo epistemológico dirigido

" Brecht, Mann Kant, Hartmann são algumas das balizas de uma tentativa de acompanhar o percurso da extraordinária curiosidade, conhecimento e argúcia intelectuais de Anatol"



particularmente aos fundamentos da metafísica e, curiosamente, o eticismo pouquíssimo racionalista da Razão Prática eram o que o impelia para Kant; Hartmann, por sua vez, que fora seu professor em Berlim, marcara-o pela solução ontológica que dava aos problemas, então em pauta, na investigação fenomenológica e pelos fundamentos desta natureza que conseguia atribuir às realidades irrealis do ser estético.

**M**as por aí se verifica que a partição entre racionalismo e irracionalismo não passava, para o espírito de Anatol, por um culto da razão. Estava longe, por exemplo, da metafísica racionalista de Spinoza e Leibniz, mas não de Descartes, sobretudo nas *Meditações*. Na verdade, o seu pendor, a sua característica e a sua escritura foram as de um crítico dotado de um pensamento essencialmente crítico-analítico, em sínteses originais. Isto naturalmente significou uma abordagem diferenciada, no curso dos anos, e conforme os aspectos específicos, do tópico aqui em foco. Mas nunca em todos esses casos lhe ocorreria decretar a falência da racionalidade. A história da loucura não justificaria, para ele, a recusa do juízo de razão, nem o positivismo lógico o levava a submetê-la ao primado da linguagem.

Isto não o impediu de posicionar-se, no campo político, de maneira radical. Testemunha e vítima que fora dos desvarios e barbaridades cometidos pelas mitificações ideológicas derivadas do irracionalismo romântico e nacionalista, era opositor ferrenho de toda orientação exclusivista, etnocentrada, fundamentalista, alimentada em místicas do Estado, do Chefe, da Raça, da Crença, da Classe, da Nação e da própria Razão. Crítico do regime capitalista e de seu modo de produção, nas suas consequências selvagens, nos seus processos de massificação, monopolização, consumismo e exploração das sociedades e dos povos, inclinava-se para um socialismo que jamais o ouvi definir, mas que, sem dúvida, era democrático e guiado por um *logos* e um *ethos* onde a *ratio* do homem se sobreponha à da *polis*. Irreverente com instituições, hierarquias e máquinas burocráticas, cultuava, no íntimo e fortemente, os valores universais do livre-pensamento e do humanismo, ainda que os mantivesse sempre submetidos a um foco crítico. A ciência não era para ele um ídolo, mas tampouco a dispensava como fonte de conhecimento objetivo e verdadeiro, e de transformação das condições materiais de vida, ao mesmo tempo que condenava o seu desvirtuamento em pura manipulação tecnológica, econômica, militar, política e comunicacional, para a destruição e o exercício opressivo do poder. Revoltava-se contra o anarquismo espiritual das místicas, a seu ver, mitificações mistificadoras, contra os processos concentracionários e alienadores do indivíduo e do cidadão nos antigos e modernos castelos kafkianos. Isto, porém, não o impedia, na prática, de tomar partido, segundo razões teóricas muito sólidas, se julgasse ameaçado o espaço da liberdade. Foi o que aconteceu aqui, nos anos da ditadura. Sentiu-se convocado a se lhe opor, e o fez, não apenas com uma solidariedade passiva, mas também através de sua pena na imprensa e de sua palavra nas salas de conferência. Sua militância contra a irracionalidade reinante no país tornou-se tão declarada e ideologizada, que chegou a ser tomada como um estrito alinhamento nas fileiras de uma certa bandeira política.

Mas, embora na época investisse contra o menosprezo da palavra como portadora dos significados de verdade do discurso e polemizasse com uma arte, como a do Living Theater ou a do Grupo dos Lobos, que pretendia substituir o sentido da razão pela razão dos sentidos, o modo de ver de Anatol Rosenfeld na literatura, nas artes e na cultura deve ser compreendido, no que diz respeito ao problema do irracionalismo, em um espectro mais amplo.

O modelo que se pode projetar para o seu pensamento é o de Thomas Mann. Sua afinidade com o espírito e a obra deste escritor era extrema. Nos cursos que ministrou sobre ele e na exegese de suas criações literárias, fazia caminhar a elaboração ficcional e filosófico-política do romancista entre o espírito wagneriano da música, do dionísio, e o espírito goethiano do plástico, do apolíneo; entre o classicismo e o romantismo alemães; entre a crítica nietzschiana a todos os valores na busca de sua transvaloração, que lhe permeia os escritos iniciais, desde *Os Buddenbrooks* e *Tonio Kröger* até *Morte em Veneza*, e a crítica à perda de todos os compassos racionais na Alemanha do Dr. Fausto; entre o nacionalismo belicoso das reflexões de um homem apolítico até o decidido engajamento contra a irracionalidade do nazismo. Como ele, Anatol sentia a sedução da “alma romântica” de Novalis e Hölderlin, encantava-se em poder embalar-se em sua lírica e, não menos, desfrutar de sua ironia antifarisaica, como a de um Heine. E nesta direção, não é de surpreender que pudesse embarcar com simpatia nas revoltas expressionistas dos filhos enfeitados da sociedade guilhermina, nas rupturas vanguardistas da linguagem poética e teatral e na contestação dos modelos consagrados pela tradição, a

ponto de vir a sustentar que “dadá não está gagá”. Ao mesmo tempo, como o autor de *A Montanha Mágica*, no embate entre a lógica da razão desarrazoada e a da razão bem temperada optava, não pelo jesuitismo místico de Leo Nafta, mas tampouco pelo racionalismo romântico de Settembrini, pois ambos se achavam sob o signo da doença, e não poderiam oferecer um caminho para Hans Castorp na sua busca pedagógica de reintegração na vida e na sociedade. Mesmo o paradoxo da lógica ilógica de sua descida para a vida que o conduz à morte não impediria que, tendo alcançado no *Roman* o termo de seu *Bildung*, Castorp alcançasse por aí, precisamente, o espaço de liberdade do espírito humano, na sua contingência, onde a racionalidade retoma o seu primado.

Assim como para a personagem de Thomas Mann, para Anatol Rosenfeld, a caça à razão de ser tinha sentido. Não poderia terminar no nada, pois, do contrário, a própria caça nada significaria. Isto, todavia, não o levava a procurar o racional, o essencial e o real somente na esquina do cotidiano, na trivialidade puramente factícia e realista. Ao invés, o seu fascínio estava no fenomenal, no complexo, no não-íntegro, no não-coerente, no bizarro, no fantástico, no irreal. Daí o seu gosto pelo jogo irônico que, na arte de Thomas Mann, fazia emergir, pelas construções paródicas, as incongruências grotescas. Considerava-o, ao lado de sua qualificação enquanto procedimento artístico, uma inestimável gazua epistemológica e crítica – o gatuno racionalista do irracionalismo. O romancista não apenas lhe revelava o mundo, a vida e a arte, porém lhe ensinava a revê-los. Era qual um fenomenólogo que, conforme Hartmann propunha, não ficava apenas no “objeto intencional” da consciência, mas lhe entremostrava o próprio ser.

O mesmo jogo lúdico do sério, do *cabaretier* em cruzada messiânica, dos três vinténs operísticos das vítimas da fome, dos apetites do baixo ventre da cabeça científica de Galileu, fazia da obra de Brecht um banquete socrático para a ironia dialética de Anatol. Só que desta feita não se trata da maiêutica do romance. Agora, as idéias partejadas estão explícitas na verbalização dos demiurgos do discurso: as personagens. Mais do que isso, o *logos* de suas falas, que tem a intenção declarada de emitir também juízos de verdade, é operado por uma razão poética que pretende, concomitantemente, ser razão ética e razão histórica. O irracional, caixa de Pandora de todas as imperfeições da ordem coletiva e de seu governo, além de repositório das paixões, é suscitado como servidor dionisíaco que ajuda a iluminar a razão do protesto social e do combate político, sob a égide do marxismo, na cruzada por uma ordem comunista redentora, em cujo fundo o deus do entusiasmo talvez reapareça para a celebração.

De qualquer modo, tanto quanto o racionalismo da crítica brechtiana à estrutura da sociedade burguesa e ao sistema capitalista potenciados no fascismo, o que alimentava, no autor de *O Teatro Épico*, a empatia, naturalmente com o devido distanciamento, pelo poeta do teatro didático e épico era, sobretudo, a congruência da natureza de sua proposta com a forma artística, isto é, com a racionalidade das estratégias poéticas e teatrais da invenção. Creditava-lhe a originalidade de ter conseguido realizar na sua obra uma atrevida e verdadeiramente revolucionária síntese entre vanguarda política e vanguarda estética. O resgate que tal inovação possibilitava era, para Rosenfeld, mais do que a simples razão formal da obra dramática. Em uma arte onde a ilusão mimética sempre imperara às custas da consciência crítica do público, o palco brechtiano, dominando deliberadamente as emoções humanas, as desrazões da alma, sem expulsá-las, instalava uma linguagem capaz de concretizar não só a metáfora e a parábola de seus objetos, como a dialética e a ética desta consciência crítica na sua relação com eles.

**B**recht, Thomas Mann, Kant, Hartmann são apenas algumas das balizas de uma tentativa de acompanhar o percurso da extraordinária curiosidade, conhecimento e argúcia intelectuais de Anatol Rosenfeld, sob o prisma do confronto entre o racionalismo e o irracionalismo. Tenho certeza de que meu amigo iria questionar tudo o que construí a seu respeito com as lembranças de nossas conversas e as leituras de seus, ainda hoje, instigantes ensaios. E com razão. Pois seria vão querer esgotar com um juízo sintético o espectro irisado de seu pensamento, mesmo porque era um sofista nato que tinha o prazer do debate, não pela retórica, mas pelo conhecimento. Creio que, como muitos de seus modelos gregos, foi um efetivo e engajado buscador da verdade ou das verdades. Tanto quanto discuti a desrazão das coisas, jamais duvidou da razão da discussão. Daí por que acreditava, acredito eu, que de algum modo ou em algum dia chegar-se-ia, por aí, à luz do entendimento.

Mas quero encerrar meu testemunho a seu respeito com uma de suas frases favoritas, a qual talvez deixe em suspenso tudo o que escrevi ou pretendi dizer. Trata-se da célebre sentença de Schiller: “Quando a alma fala já não é a alma que fala”. Ou será que em lugar da alma se deveria pôr a razão?